

A imagem do jornalista na ficção: a representação de Rita Skeeter na série de livros Harry Potter.¹

Gabriela Gruszynski SANSEVERINO²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O trabalho analisa a imagem do jornalista na ficção, trabalhando com a representação da personagem Rita Skeeter na série de livros de J.K Rowling, Harry Potter. Por meio da pesquisa bibliográfica, estabelecemos como se forma a imagem do jornalista, como se dá a criação de uma representação do profissional na ficção e avaliamos o papel dos leitores neste processo. A partir dos conceitos sistematizados, identificamos o espaço ocupado pela imprensa nos livros e o lugar de Rita Skeeter como jornalista nas obras. Observamos que a narrativa criada por Rowling constrói uma representação da identidade do jornalista que perpetua o estereótipo do profissional em obras de ficção como vilão inescrupuloso obcecado por notícias, à medida que traz elementos de seu cotidiano e de sua experiência para escrever o personagem.

Palavras-chave

Harry Potter; ficção; jornalismo; jornalista; representação.

1 Introdução

Mais de 400 milhões de exemplares dos livros que contam a história de Harry Potter foram vendidos pelo mundo inteiro. Eles foram traduzidos em 69 idiomas, publicados e reeditados em diversos países, transformando J.K. Rowling na única figura literária britânica que vale mais de um bilhão de dólares. A série rendeu oito filmes produzidos pelos estúdios da Warner Bros, que tornaram Harry Potter a franquia cinematográfica mais lucrativa da história. Além dos filmes, os livros de J.K Rowling deram origem a roupas, videogames, brinquedos, histórias em quadrinhos e até doces, que geram pelo menos um bilhão de dólares por ano. A série Harry Potter se tornou um dos principais fenômenos culturais do século XXI, influenciando a formação de uma geração que encontrou na narrativa o espaço para as suas tentativas de interpretação do mundo.

Rowling cria em sua história representações da realidade cotidiana das pessoas, que as observam e as absorvem como forma de pensarem aquilo que está presente em seu dia a

¹ Trabalho submetido ao GP Teorias do Jornalismo, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista Capes.

dia. Os leitores acompanharam nas histórias da autora a construção literária de instituições que mimetizam aquelas que temos na vida real, como a imprensa. A mimese que se estabelece entre os personagens criados por Rowling e suas estruturas correspondentes no mundo não-ficcional permite que teorias desenvolvidas para estudar o jornalismo possam ser utilizadas como referência para refletirmos sobre a construção do jornalista na série Harry Potter.

Do caos que enfrentamos no mundo, elencamos e percebemos o que se apresenta de acordo com os formatos estereotipados por nossa cultura (GOMIS, 2004). Os estereótipos condicionam nossa interpretação da realidade a partir de moldes correntes criados por cada cultura para determinadas situações e auxiliam na nossa interpretação do mundo. Os livros de ficção se tornam um espaço organizar e dar coerência para os acontecimentos do mundo, Para pensarmos o jornalismo e, com isto, os seus profissionais, é importante observar como estes são apresentados em obras que refletem as formas de organização da sociedade em suas narrativas. Harry Potter, como um dos principais fenômenos culturais do século XXI, que influenciou a formação de uma geração, permite que se reflita como estes estudos quanto ao jornalismo no âmbito do real, podem ser transpassados para o âmbito da ficção.

2 J.K Rowling, o mundo de Harry Potter e o lugar da imprensa em sua narrativa

Joanne Rowling nasceu na cidade de Yate, no interior da Inglaterra, em 31 de julho de 1965. A data indica a grande influência da vida da autora na série de livros que a tornaria milionária: 31 de julho é também o aniversário de Harry, personagem principal de sua famosa série de livros Harry Potter. Em 1990, sete anos antes de o primeiro livro ser publicado, Rowling já havia começado a pensar no enredo de Harry Potter, mas foi apenas em 1994 que, em um pequeno café em Edimburgo, na Escócia, a história do menino Harry Potter ganhou vida. Christopher Little, ao ler o manuscrito da autora, acreditou no potencial de sua história. O agente literário enviou originais para diversas editoras, até que a Bloomsbury decidiu publicar a obra de Rowling.

Com receio, contudo, de que meninos tivessem preconceito com um livro escrito por uma mulher, a editora sugeriu que a autora usasse apenas as iniciais ao invés de Joanne. Ela adotou a ideia. Como tinha, porém, apenas um nome próprio, resolveu usar também a letra “K”, do nome de sua avó favorita, Kathleen (SMITH, 2003). Assim nasceu J.K. Rowling, que estreou sua série de best sellers com Harry Potter e a Pedra Filosofal (Harry Potter and the Sorcerer’s Stone), lançado em 1997.

Nos anos seguintes, Rowling teve outros seis livros da série Harry Potter publicados:

Harry Potter e a Câmara Secreta (Harry Potter and the Chamber of Secrets – 1998), Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (Harry Potter and the Prisoner of Azkaban – 1999), Harry Potter e o Cálice de Fogo (Harry Potter and the Goblet of Fire – 2000), Harry Potter e a Ordem da Fênix (Harry Potter and the Order of the Phoenix – 2003), Harry Potter e o Enigma do Príncipe (Harry Potter and the Half Blood Prince – 2005) e Harry Potter e as Relíquias da Morte (Harry Potter and the Deathly Hallows – 2007).

O mundo mágico criado pela autora narra a história de Harry Potter, o menino bruxo. Por onze anos ele viveu com seus tios Trouxas – pessoas não mágicas – e seu primo, acreditando ter perdido os pais em um trágico acidente de carro. Quando, porém, chega a hora de ingressar em Hogwarts, Escola de Magia e Bruxaria, Harry finalmente descobre a verdade sobre quem é: um herói do mundo mágico. Quando tinha apenas um ano de idade, derrotou o bruxo das trevas, Voldemort, na mesma noite em que este matou seus pais.

Deste momento em diante, passamos a conhecer junto com Harry como funciona este mundo da magia e conseguimos perceber como várias instituições apresentadas nos livros assemelham-se às estruturas existentes em nosso cotidiano. Sua forma de governo, o Ministério da Magia, regula as relações com os Trouxas e os diversos setores da vida dos bruxos, como meios de transporte, relações internacionais e esportes. A imprensa atuante no mundo mágico, representada pelo jornal, pela revista e pelo rádio, também desempenha a função de informar o público.

J.K. Rowling, ancorada na televisão, no rádio, no jornal impresso e na revista, inseriu a imprensa nos sete volumes da série Harry Potter, dando aos personagens e às instituições diferentes níveis de importância ao longo do desenvolvimento do enredo. Nos livros, o discurso da mídia influencia diversas relações que se formam na história e torna-se essencial para o desenvolvimento de uma sociedade – tanto bruxa, quanto Trouxa – que mimetiza a que temos na realidade.

Na obra de Rowling, a imprensa é dividida entre os veículos Trouxas e os bruxos. Deve-se observar que ambas apresentam o mesmo formato de jornalismo, tendo como única diferenciação na criação de notícias a possibilidade de os meios de comunicação mágicos utilizarem fotos nas quais as pessoas podem se mexer. Os veículos que pertencem à comunidade mágica têm um papel mais relevante para o desenrolar da história, mas os meios de comunicação dos Trouxas servem para criar ligações entre as duas realidades, mesmo que estas passem despercebidas pelos personagens. A intersecção entre o mundo dos bruxos e dos Trouxas através da mídia pode ser observada desde o primeiro livro.

3 A imagem do jornalista: a criação de uma identidade profissional

A sociedades modernas, como explica Motta (2002), inventaram as notícias para trabalhar com as dualidades de seu mundo. Assim, surge o discurso dos *media*, refletindo e integrando os diversos fragmentos do presente da sociedade. Nilson Lage coloca que, se pensarmos a notícia em um sentido amplo, pode-se considerar que esta tem sido a forma de transmissão da experiência, isto é, “a articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou” (LAGE, 1981, p.24).

O jornalismo que temos hoje, desenvolvido em uma sociedade democrática, teve suas raízes no século XIX, quando, com a expansão dos jornais, um número maior de pessoas passou a se dedicar exclusivamente à atividade que visava fornecer informações. Neste contexto, surgem os valores que são, até hoje, identificados como jornalismo: “as notícias, a procura da verdade, a independência dos jornalistas, a exatidão, e a noção do jornalismo como um serviço público [...]” (TRAQUINA, 2008, p. 34).

Dois processos marcaram a evolução da atividade jornalística. O primeiro foi a comercialização desta atividade, enquanto o segundo foi a profissionalização de seus trabalhadores. Os jornalistas, reconhecidos como profissionais, têm uma competência específica: o fornecimento de informação à sociedade, isto é, o fornecimento de notícias (TRAQUINA, 2008). Os jornalistas são os profissionais que dominam a linguagem específica necessária para elaborar as notícias, são autoridades na área:

As notícias são recolhidas e escritas por pessoas cuja ocupação o tempo inteiro consiste em recolher e escrever notícias. Pode assim dizer-se que os repórteres são especialistas – membros de uma comunidade ocupacional distinta que tem as suas tradições, preocupações e formas de fazer as coisas distintas. Inevitavelmente, as notícias refletem o ethos especializado da comunidade jornalística e são modeladas pelas suas estruturas e processos, mesmo que a intenção das notícias seja falar sobre, e englobar, as preocupações gerais do cidadão comum (WEAVER apud TRAQUINA, 2008, p. 23).

As notícias são recolhidas e escritas por pessoas cuja ocupação o tempo inteiro consiste em recolher e escrever notícias. Pode assim dizer-se que os repórteres são especialistas – membros de uma comunidade ocupacional distinta que tem as suas tradições, preocupações e formas de fazer as coisas distintas. Inevitavelmente, as notícias refletem o ethos especializado da comunidade jornalística e são modeladas pelas suas estruturas e processos, mesmo que a intenção das notícias seja falar sobre, e englobar, as preocupações gerais do cidadão comum (WEAVER apud TRAQUINA, 2008, p. 23).

Sua competência específica será o fornecimento de informações à sociedade. O grupo

tem uma forte identidade profissional, um *ethos*, que define a maneira como se deve ser jornalista e estar no jornalismo. As notícias são o valor absoluto da cultura jornalística. Tem-se o mito do furo, da grande “estória”, que fornece um prestígio pessoal ao jornalista e torna mais aguda a competição. É o momento em que o jornalista pode cobrir um mega acontecimento, que o motiva durante o resto de sua carreira. Tem-se também o mito do jornalismo como grande aventura e do jornalista como grande repórter, como detetive que procura a verdade, como um caçador que vai atrás dos acontecimentos. “[...] Os repórteres foram-se transformando num mito coletivo no qual representam o indivíduo na sociedade de massas, aptos a mobilizar o poder da imprensa para corrigir a injustiça” (TRAQUINA, 2008, p.60).

Para Traquina (1993, p.168), os jornalistas são participantes ativos no processo de construção da realidade: “enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento”. A necessidade de escolher, excluir e acentuar certos aspectos de um acontecimento demonstra como a notícia também constrói a realidade. “As formas literárias e as narrativas garantem que o jornalista, sobre a pressão tirânica do factor tempo, consegue transformar, quase instantaneamente, um acontecimento numa notícia” (TRAQUINA, 1993, p.169).

“Os jornalistas têm óculos particulares – são os seus valores-notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 77). Todos os dias os jornalistas enfrentam o desafio de ter que elaborar as notícias que serão divulgadas nos meios de comunicação. Os profissionais têm que julgar, entre os diversos acontecimentos que podem ocorrer em qualquer lugar a qualquer momento, quais irão se tornar notícia. Para Traquina (2008), os jornalistas operam uma seleção dos acontecimentos e uma construção destes eventos que selecionam ao construírem notícias. Elas são o resultado de um processo de percepção, seleção e transformação dos acontecimentos.

4 O personagem na ficção e o papel do leitor

Martine Joly define imagem como um objeto segundo em relação a outro. O que a imagem nos remete, como explica Joly (1996), nem sempre é o visível, ainda que tome emprestado alguns traços do visual. Uma imagem é uma representação, seja visível ou invisível, composta por um significado que remete a outro significado. Ela é dependente da existência de um sujeito, seja para criá-la, seja para entendê-la e interpretá-la.

Ao lermos um romance, temos uma sequência de fatos, organizados em um enredo, e de personagens que irão vivenciar estes fatos. Enredo e personagem têm uma ligação

indissolúvel: “O enredo existe através das personagens, as personagens vivem o enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 1968, p.51). Utilizando-se de recursos de caracterização – elementos que o romancista usa para descrever e definir o seu personagem – o autor consegue passar ao seu leitor “a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza” (CANDIDO, 1968, p.56), mas que os leitores são capazes de apreender como um todo coeso na nossa imaginação: o autor elabora uma imagem de seus personagens que se torna compreensível ao seu leitor a partir de sua inserção em uma narrativa. O surgimento de um personagem está ligado a um ser ficcional e pressupõe um agrupamento de características que estão ligadas ao modo de imaginar e construir esses seres. Para sua composição, utiliza-se como referência o mundo real, isto é, os ambientes e realidades que estão ao nosso redor.

É possível pensar os personagens de uma obra de ficção a partir da imagem que é criada deles pelo autor. Isto é, estes seres de ficção, ao serem inseridos em uma narrativa, tornam-se representações de ideias que o autor concebeu do mundo e das coisas presentes em seu cotidiano. Estas representações passarão a ter sentido à medida que são compreendidas por seus destinatários, no caso das obras de ficção, os leitores: a combinação enredo e personagem só passará a fazer sentido e a existir a partir deles. Deve-se lembrar que a medida que os leitores têm autonomia no momento da leitura de um romance, eles podem fazer qualquer interpretação da obra, isto é, necessariamente não irão compreender o que o autor quis dizer, entender o romance da forma que o autor pensou que ele deveria ser compreendido.

Aumont (1995), enfatizando a percepção de imagens visuais, afirma que não há olhar fortuito, isto é, a nossa visão é um processo quase experimental, no qual emitimos hipóteses baseadas em nosso sistema de expectativas, que serão verificadas ou anuladas. Se fazemos uma analogia desse princípio à formação de imagens mentais a partir da leitura de um livro, podemos supor que comparamos aquilo que estamos percebendo e aquilo que esperávamos que seria, que conhecemos a partir de nosso repertório. Aumont diz “o olhar define a intencionalidade e a finalidade da visão. É a dimensão propriamente humana da visão” (AUMONT, 1995, p. 59). Ao ler uma obra de ficção, o sujeito sempre tem uma intenção e isto faz com que a forma com que ele a percebe seja diferente. O espectador nunca é imparcial e sempre trará para sua interpretação de uma narrativa seu contexto de vida e suas experiências prévias.

5 O jornalista na ficção: a representação da personagem Rita Skeeter

Há na ficção, como explica Isabel Travancas (2003), duas representações típicas do jornalista: o vilão, que faz tudo para atingir seus objetivos e conseguir um furo de reportagem, e o herói, que tem a profissão acima de qualquer outra coisa e sempre luta pela verdade dos fatos. O jornalista, de acordo com Travancas (2003), tem uma imagem na literatura que é ambígua e contraditória, às vezes fascinando e atraindo e às vezes se mostrando como uma figura inescrupulosa, desonesta e mau caráter. Este profissional tem uma visão de mundo e um estilo de vida que são específicos e acabam refletidos nas obras de literatura que têm o jornalista como personagem. O mundo do jornalista gira em volta das notícias. O jornalista percebe o mundo a partir de uma visão particular determinada pela sua obsessão – e dependência – da notícia.

Quando vilões – a representação mais comum deste profissional –, os jornalistas são apresentados como pessoas sem caráter, que trabalham em uma imprensa que não é necessariamente corrompida, mas é leviana e age apenas de acordo com os seus interesses (TRAVANCAS, 2003). Neste caso, o jornalista também pode aparecer como uma pessoa que valoriza o lugar que tem na sociedade por causa de sua profissão e escreve seus textos sem se preocupar com a veracidade ou a consequência dos fatos. O mítico “furo” é tratado por Travancas (2003) como a possibilidade que o jornalista tem de diferenciação na profissão, da conquista do reconhecimento.

Mesmo tendo-se duas concepções tradicionais do jornalista na literatura, é possível perceber pela análise de Travancas (2003) que este profissional raramente assume o papel de herói. Os personagens em si não são retratados de forma classicamente heroica, isto é, não são seres idolatrados pela sociedade, ricos, bonitos, etc. Pelo contrário, tendem a aparecer como pessoas solitárias, que não têm nada além da profissão. Sua obsessão com as notícias segue a permear as obras de ficção, mostrando-se como um profissional que é comprometido com a verdade e tem sua vida inteira centrada no jornalismo. Ele aparece em um contexto de defensor da verdade e do bem comum ao qual a sociedade tem direito, mas não ganha veridicamente um status heroico perante a população. O jornalista se mantém como uma pessoa que não tem nada além da profissão e que faria tudo para conseguir sua grande história.

Pensando-se nas concepções típicas que são elaboradas do jornalista na ficção e seu papel na sociedade, como o profissional especializado em informar, pode-se perceber como é feita a representação e qual a imagem da personagem Rita Skeeter, a jornalista dos livros

de Harry Potter criada por Rowling. Ela trabalha para os principais veículos impressos da comunidade bruxa: o Profeta Diário e a revista Witch Weekly. O Profeta Diário é símbolo da mídia impressa nos livros Harry Potter, sendo mencionado em todos os volumes da série. A publicação assume a função de informar a comunidade bruxa sobre os principais acontecimentos de sua realidade, que se torna ainda mais importante no mundo da magia, pois o jornal é, para muitos bruxos sem relações com outros membros da sociedade mágica, a única forma de conexão com esta realidade.

A Witch Weekly, revista que aparece em momentos pontuais da história, apresenta-se como uma publicação que discute em grandes reportagens assuntos que ou recebem pouco espaço no jornal, ou nem sequer aparecem no Profeta Diário. Seria o equivalente a uma publicação de fofocas, que tem matérias mais de interesse humano, com personagens e seus dramas pessoais. No enredo de Rowling é facilmente perceptível que a publicação tem uma ampla audiência e que influencia seus leitores. Personagens inclusive mudam suas atitudes de acordo com matérias escritas na revista.

Os jornalistas, no momento em que se apresentam como tais, membros de um meio de comunicação, ganham também prestígio e credibilidade perante o público. Ao assumir status de uma repórter do Profeta Diário e da Witch Weekly, publicações de maior proeminência na sociedade bruxa, a personagem de Skeeter já assume perante os outros uma superioridade, no sentido de estar ali representando um importante meio de comunicação que será responsável por notícias lidas por milhares de pessoas. A personagem também recebe a confiança de quem conversa, uma vez que assume a figura de um defensor da verdade, que relata os fatos para toda a sociedade tomar conhecimento.

A competência dos jornalistas seria, como explica Traquina (2008), o fornecimento de informações à sociedade. Forma-se envolto na profissão o mito do furo jornalístico e do jornalismo como grande aventura na qual se busca a verdade. Skeeter, que assume a função de jornalista, incorpora, em diferentes momentos da história, estes mitos, além de corporificar os estereótipos destes profissionais na ficção trazidos por Travancas (2003). Skeeter diz buscar a verdade acima de tudo ao ultrapassar todos os limites para informar ao público o que ela acredita que este merece saber: “Nossos leitores têm o direito de saber a verdade [...]” (ROWLING, 2001, p.391, tradução nossa). Mesmo, contudo, se colocando na posição de “cão de guarda”, vigiando outras instituições e pessoas no poder, buscando o bem comum da sociedade, ela acaba sendo percebida por outros personagens como uma pessoa sem caráter.

Skeeter valoriza o lugar de destaque que tem na sociedade por causa das histórias e dos acontecimentos que descobre, escrevendo suas notícias sem preocupação com a veracidade ou a consequência dos fatos que divulga. A jornalista também acaba cedendo às pressões do governo corrente ao escrever suas notícias, desrespeitando novamente sua obrigação com o interesse público. A jornalista ganha a imagem de inescrupulosa, uma profissional disposta a fazer qualquer coisa por uma grande história. A repórter busca novidades, escândalos e curiosidades que possam agradar ao seu público e repercutir entre os bruxos.

Ao longo dos livros de Rowling, fica claro que Skeeter manipula os fatos de forma que se encaixem na notícia que ela imaginou e que lhe daria maior ibope. Ela, a partir de suas histórias desarticuladas da verdade, dá início ao processo no qual o Profeta Diário deixa de se tornar unânime perante a sociedade como um veículo que publica informações credíveis. Os personagens passam a migrar para outros meios de comunicação e começam a encontrar outros lugares para tomarem conhecimento dos acontecimentos do dia a dia, uma vez que a percepção que eles criam de Skeeter é construída através das matérias que ela escreve para o Profeta Diário:

“MAIS ERROS NO MINISTÉRIO DA MAGIA”³ (ROWLING, 2001, p.179).

*“Erros do Ministério... culpados não apreendidos... segurança fraca... Bruxos do Mau andando livremente... desgraça nacional... quem escreveu isso? Ah... claro... Rita Skeeter” ‘Essa mulher persegue o Ministério da Magia!’*⁴ (ROWLING, 2001, p.131).

Quando Skeeter destaca em suas notícias os erros do Ministério, seus funcionários consideram que a jornalista decide focar e exagerar os supostos erros do governo, ao invés do acontecimento em si. Os funcionários do Ministério não são estranhos a Skeeter e seu trabalho para o Profeta Diário. Eles acabam se tornando vigilantes de si mesmos, pois sabem que qualquer erro que cometerem poderá se tornar uma notícia. Os personagens, em sua maioria, acreditam que Skeeter está procurando por erros que ela possa noticiar e conseguir míticas oportunidades de furo jornalístico:

“O Profeta Diário ganhou uma oportunidade para nos criticar! Tínhamos Black encurralado e ele escapou por entre nossos dedos de novo! Ele só precisa ficar sabendo da fuga do Hipogrifo e eu serei motivo de risada!”⁵ (ROWLING, 2000, p. 307).

³ No original: “*FURTHERMISTAKES AT THE MINISTRY OF MAGIC*”.

⁴ No original: “*Ministry blunders... culprits not apreheended... lax security... Dark wizards running unchecked... national disgrace... who wrote this? Ah... of course... Rita Skeeter*” ‘That woman’s got it in for the Ministry of Magic!’”.

⁵ No original: “*The Daily Prophet’s going to have a Field Day! We had Black cornered and he slipped through our fingers again! All it needs now is for the story of that Hippogriff’s escape to get out, and I’ll be a laughing stock!*”.

“Rita Skeeter tem estado em volta a semana inteira, **procurando por mais erros do Ministério para noticiar**”⁶ (ROWLING, 2001, p.137).

Deve-se observar que as pessoas buscam os meios de comunicação para saber os fatos, não mentiras inventadas por estes em sua procura por audiência. Na série Harry Potter, a imprensa bruxa parece constantemente cruzar as linhas entre a verdade e a ficção. O Profeta Diário assume desde o primeiro livro (Harry Potter e a Pedra Filosofal) o status de uma publicação séria e informativa. A partir do quarto livro, quando surge a figura da jornalista Rita Skeeter o espaço do veículo assume perante a sociedade começa a ser alterado.

Inicialmente o Profeta Diário e a revista Witch Weekly assumiam um lugar de fala de grande importância na sociedade mágica: eram referência para uma informação correta, precisa e coerente com a realidade. Skeeter, com suas grandes histórias que correspondiam ao desejo de informação e verdade do público, tinha grande destaque na sociedade. O Profeta Diário e a Witch Weekly perdem diversos leitores à medida que deixam de informar acontecimentos que o público considera relevante e começam a atacar pessoas carismáticas que os bruxos adoram.

Skeeter representa esta mudança, incorporando todas as características do jornalista vilão descritos por Travancas (2003), no momento em que passa inventar e aumentar histórias para ganhar audiência e fama. Como explica Franciscato (2005), cada pessoa escolhe ou não renovar o vínculo com o meio de comunicação, por isso ter a confiança do público em seu processo de escolha dos acontecimentos e elaboração é essencial para o meio de comunicação. Seu espaço de fala passa a ser determinado pela percepção que o público tem do veículo, de seus jornalistas e de sua capacidade de suprir sua necessidade e seu interesse por informações. A medida que o público percebe que Skeeter ultrapassa a linha da verdade e desrespeita seu comprometimento com a realidade, ela perde seu *status* perante a sociedade trazido pela profissão de jornalista. A jornalista deixa de ser reconhecida como tal pelo seu público enquanto traí aquilo que identifica a profissão: a procura da verdade, a exatidão, e a noção do jornalismo como um serviço público.

6 Considerações finais

A jornalista criada por Rowling é a encarnação do estereótipo do jornalista vilão estabelecido por Travancas (2003): sem escrúpulos ou qualquer comprometimento com a verdade; manipula os fatos para favorecer sua história; está sempre em busca do mítico

⁶No original: “Rita Skeeter’s been ferreting around all week, looking for more Ministry mess-ups to report.”

furo; valoriza o status que o jornalismo lhe garante na sociedade; e trabalha para uma empresa que se importa apenas com seus interesses (lucro e audiência).

As invenções do autor irão manter vínculos com a realidade, seja a do autor, ou a do mundo que o cerca. É possível compreender que ao acompanhar uma narrativa, o sujeito depende do enquadramento da realidade que lhe é oferecido (CANDIDO, 1968). Deve-se observar que assim como a narrativa irá construir o leitor, o leitor também irá construir a obra: seu contexto irá influenciar sua percepção da narrativa do autor, tanto quanto as representações feitas por quem escreveu a história.

O jornalismo britânico, parte do cotidiano de Rowling e sua inspiração para a imprensa criada em Harry Potter, ficou famoso pela *penny press*, expressão cunhada devido aos baratíssimos preços dos jornais ingleses viabilizados pela publicidade. De acordo com Rublescki (2009), a *penny press* provocou uma revolução no âmbito do jornalismo a medida que fez com que este se voltasse para a realidade cotidiana e para a sociedade com grande sensacionalismo a fim de atender as demandas da publicidade: "A nascente empresa da notícia minou o espaço da opinião pública, tornando-se manipulável à medida que se comercializava e permitia a entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública" (RUBLECKI, 2009, p.3)

Quando Rowling começa a escrever o primeiro livro da série Harry Potter, no início dos anos noventa, não apenas o jornalismo britânico, mas a imprensa como um todo está em um momento de crise de identidade. O conteúdo jornalístico é descaracterizado pela espetacularização da notícia feita pelos grandes grupos midiáticos, enquanto as fronteiras entre o jornalismo e a publicidade são diluídas. O público se torna consumidor e, em uma realidade na qual existem milhares de jornais, em diversos formatos, todos buscando um espaço no mercado, a imprensa tem de atender as demandas de seus leitores ou serão trocados por um jornal que atenda aos interesses do público.

Pensando-se neste contexto, em que o jornalismo busca cada vez mais agradar aos seus leitores, independentemente do que isto signifique, parece inevitável que a imagem dos jornalistas frente ao seu público corresponda ao estereótipo de vilão traçado por Travancas (2003). O mítico furo e a grande estória se tornam cada vez mais importante em um cenário de extrema competição e concorrência não apenas entre diferentes veículos, mas entre os próprios jornalistas, o que parece fazer com que os profissionais se tornem mais inclinados a esquecer o limite entre realidade e ficção e seu comprometimento com a verdade.

Rowling inspirou-se nesta imprensa e neste jornalista que via no seu cotidiano para

criar o Profeta Diário e a personagem Rita Skeeter, enquanto os leitores que acompanharam a série Harry Potter vinham desde mesmo contexto e trouxeram esta sua experiência com os meios de comunicação e seus profissionais para pensar as representações criadas pela autora. O que, então, torna possível pensarmos que não é por acaso que o jornalista inescrupuloso seja a representação mais comum do profissional na ficção e que esta seja a imagem que fique marcada para o público.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; ALMEIDA, Décio de; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A Fabricação do Presente*. São Cristóvão: Ed. UFS, 2005.

GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. In: *Estudos de Jornalismo e Mídia*, Santa Catarina, v. I, n. 1, p. 102-117, 2004.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Florianópolis: Insular-Edufsc, 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *O Trabalho Simbólico da Notícia*. Anais do XI Encontro Anual da COMPÓS. Rio de Janeiro (RJ): Compós, 2002.

ROWLING, J.K. **Harry Potter and the Chamber of Secrets**. Londres: Bloomsbury, 2004.

_____. **Harry Potter and the Deathly Hallows**. Londres: Bloomsbury, 2005.

_____. **Harry Potter and the Goblet of Fire**. Londres: Bloomsbury, 2001.

_____. **Harry Potter and the Half-Blood Prince**. Nova York: Schoolastic, 2005.

_____. **Harry Potter and the Order of the Phoenix**. Nova York: Schoolastic, 2003.

_____. **Harry Potter and the Prisoner of Azkaban**. Londres: Bloomsbury, 2000.

_____. **Harry Potter and the Sorcerer's Stone**. Nova York: Schoolastic, 1998.

RUBLECKI, Anelise. **Jornalismo pós-moderno: uma discussão de valores**. Disponível

em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/anelise-jornalismo-pos-moderno.pdf>> Acesso em: 23 de abril de 2014.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. O jornalista e suas representações literárias. In: **INTERCOM**, 2003, Belo Horizonte (MG). Anais.